

CONVERSAS COM

O PLANETA TERRA

Comunidades Locais e Alterações Climáticas

Até julho de 2019

Plataforma de Ciência Aberta
Barca D'Alva, Portugal
www.plataforma.edu.pt





CONVERSAS COM O PLANETA TERRA

Comunidades Locais e Alterações Climáticas

Conversas com o Planeta Terra (*Conversations with the Earth, CWE*) é uma iniciativa multimédia desenhada para amplificar as vozes das comunidades locais no discurso global sobre os desafios ecológicos e culturais que o planeta enfrenta, nomeadamente as alterações climáticas.

A exposição CWE partilha histórias sobre o impacto das alterações climáticas no quotidiano das comunidades locais, e como o seu modo de vida foi forçosamente alterado. É uma proposta para ouvir com atenção as diferentes comunidades do Planeta e para refletir sobre possíveis respostas aos desafios globais do nosso tempo.

CWE resulta de uma parceria entre a organização indígena Land is Life, os especialistas em vídeo participativo da InsightShare e o fotógrafo galardoado Nicolas Villame.

CWE apoia uma rede crescente de organizações e comunidades locais que vivem em ecossistemas críticos por todo o mundo, desde a Mata Atlântica aos Himalaias, das ilhas no Oceano Pacífico aos Andes, do Ártico a África, partilhando as experiências destas comunidades com as alterações climáticas.



Renas no lago congelado | Alasca, EUA

O Povo da Rena

Os Gwich'in auto-intitulam-se de "Povo da Rena".

Artic Village faz parte da Nação Gwich'in, um território Athabasko que se estende desde o interior do estado do Alasca ao noroeste do Canadá.

Durante milhares de anos, a rena dominou a dieta tradicional deste povo, composta de plantas e animais selvagens. Cada ano, centenas de milhares de renas do rebanho de Porcupine (o oitavo maior na América do Norte) passam pelo território de Artic Village.

Mas as renas dependem de um ecossistema baseado em invernos gelados, e estes invernos estão a mudar. O derretimento do pergelissolo (*permafrost*, tipo de solo que se encontra permanentemente congelado), as temperaturas instáveis e os incêndios florestais têm contribuído para a redução dos rebanhos de renas no rio de Porcupine, levando ao decréscimo de uma população de 178 000 animais em 1989 para apenas cerca de 100 000 nos dias de hoje.

Estas mudanças afetam diretamente o povo de Gwich'in, que depende das renas para sustento há milhares de anos.

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: Laird Townsend

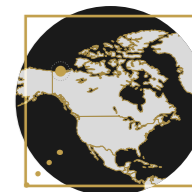
www.conversationearth.org

Ártico





Ártico



Gideon James (Gwich'in) | Artic Village, Alasca, EUA

“Esta é a região mais fria da Terra”, diz Gideon James, “e está coberta por pergelissolo [*permafrost*, tipo de solo que se encontra permanentemente congelado], que durante os últimos 40 a 50 anos, tem vindo a derreter.”

“Precisamos daquele clima frio”, refere Allen Tritt, conterrâneo de Gideon James. “No passado, as temperaturas no inverno chegavam a atingir os -57°C . Os anciãos falavam sobre isso, diziam, se *não faz frio, no futuro tudo será diferente.*”



Líquen – alimento base para renas | Alasca, EUA

O líquen, um dos elementos principais da dieta de inverno das renas, tem sofrido com a seca excepcional dos verões recentes, deixando-o vulnerável a incêndios.

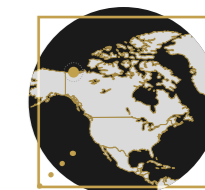
A alimentação das renas depende ainda de restos de comida deixados por ratos almiscarados, cujo habitat tem vindo a ser destruído com o desaparecimento dos lagos árticos – pelo menos 18 desapareceram perto de Artic Village – , representando uma ameaça para os rebanhos de renas em migração.



Calvin Tritt (Gwich'in) | Artic Village, Alasca, EUA



Jimmy John (Gwich'in) | Campo de inverno perto de Artic Village, Alasca, EUA



Charley Swaney | Artic Village, Alasca, EUA

Charley Swaney e outros caçadores de Gwich'in, que monitorizam constantemente a paisagem, os animais e os seus movimentos, estão preocupados com os novos padrões de migração das renas e com a redução da dimensão dos rebanhos. "Podemos não ter muito", diz Swaney, "mas o que temos está por aqui." Jimmy John, companheiro de caça de Charley Swaney, acentua a preocupação de Charley. A menos que haja uma inversão, "acho que [as renas] serão extintas. E acho que já está a começar".



Jimmy John (Gwich'in) | Artic Village, Alasca, EUA



/ 14

Ártico



Sarah James (Gwich'in) | Artic Village, Alasca, EUA

“Existe uma solução. Precisamos de retomar o respeito para com os animais, para com a natureza. Mas para que funcione, precisamos de encontrar um equilíbrio. Ar limpo, água limpa, terra limpa, vida limpa. Sem isso, não haverá vida. Queimamos gás, queimamos petróleo – fora de controle! – sem respeitar a faísca no fogo. E, sem o fogo, sem energia, não haverá vida de todo.”



Páramo, Campo de pinheiros | Mojandita, Equador

Incêndio no Páramo

No início dos anos 90, um consórcio holandês de empresas de eletricidade (FACE), começou a estabelecer plantações de árvores por todo o mundo para compensar pela queima de combustíveis fósseis.

Um destes projetos envolveu os Mojandita, uma comunidade indígena Kichwa no Equador.

O plano que, à partida, parecia vantajoso para todos, atenuando simultaneamente as alterações climáticas e a pobreza local, acabou por importar espécies exóticas para a região, não produziu madeira nem lucro para as comunidades, e degradou o valioso ecossistema local de páramo (ecossistema neotropical de montanha encontrado em países andinos).

Quinze anos depois, a comunidade Mojandita ainda enfrenta as consequências desta experiência com o comércio de carbono. Porém, este tipo de estratégias tem vindo a ser implementado pelo mundo inteiro, ganhando aprovação internacional no contexto de projetos de atenuação das alterações climáticas.

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: Laird Townsend

www.conversationsearth.org

Equador





Equador



Josefina Lema e o seu irmão | Mojandita, Equador

“No início”, diz Josefina Lema, dirigente camponesa Kichwa, na fotografia com o seu irmão, “tudo parecia bonito.” No contrato estabelecido entre a empresa de compensação de carbono e os Mojandita, ambos os lados deveriam beneficiar da nova economia global de carbono. A empresa iria obter certificação pela plantação (de pinheiros) e pagar pelo arrendamento das terras, enquanto a comunidade iria receber formação e seria responsável pela manutenção da plantação. Lima Isama Pedro, um camponês local, até deixou de cultivar as suas próprias terras para trabalhar no campo de pinheiros.



Josefina Lema | Páramo, Campo de Pinheiros, Mojandita, Equador

No final do contrato entre a empresa de compensação de carbono e os Mojandita, os residentes de Mojandita, como Josefina Lema, reclamam que a comunidade nunca viu os benefícios socioeconômicos esperados. Dez anos após a sua plantação, os pinheiros (espécie exótica neste ecossistema) ainda não tinham atingido a maturidade, não tendo gerado madeira suficiente para ser cortada e vendida. Além disso, as fileiras de pinheiros provocaram um efeito negativo no ecossistema local de páramo (responsável pela acumulação de grande parte da água que abastece Quito, capital do Equador), desencadeando consequências ao nível do abastecimento de água local.



Josefina Lema | Mojandita, Equador



Páramo, Campo de pinheiros | Mojandita, Equador



Lima Isama Pedro | Mojandita, Equador



/ 24

Equador



Mojandita | Equador

„Os grandes incêndios são raros em Mojandita. As plantas nativas co-evoluíram com incêndios regulares, e o páramo húmido atenua as chamas. Mas isso foi antes da plantação de pinheiros sugar toda a água, atrofiando a flora nativa e acumulando gravetos secos. Ironicamente, uma noite, um velho de Mojandita saiu para realizar um ritual de chuva Kichwa. Acidentalmente, deixou para trás uma vela acesa que acabou por originar a pior conflagração na memória dos residentes locais, queimando metade da plantação de pinheiros e a vegetação envolvente.”



Equador



Lima Isama Pedro | Mojandita, Ecuador

A plantação de árvores apresenta vantagens na atenuação das alterações climáticas, além de que permite aos cientistas medir facilmente a quantidade de carbono capturado. No entanto, para plantar árvores, é necessário remover a vegetação nativa, expondo o solo e libertando quantidades significativas de carbono. Em Mojandita, os resultados poderiam eventualmente ter sido positivos, mas existiam alguns fatores muito preocupantes: o pinheiro é uma espécie exótica, teve um crescimento atrofiado e desencadeou também um crescimento atrofiado das plantas locais, e acabou por conduzir a uma situação de seca – uma receita para criar árvores de morte.



A imagem da destruição | Fort McMurray, Alberta, Canadá

Petróleo por baixo da floresta

O projeto das Areias Petrolíferas no norte da Província de Alberta, Canadá, é um dos maiores projetos de desenvolvimento à face do planeta. Aqui, o petróleo pesado é extraído do subsolo e enviado para as refinarias onde o crude (petróleo em bruto) é depois transformado em produtos petrolíferos. A extração e o refinamento de petróleo das Areias Petrolíferas é uma das principais fontes de emissão de gases de efeito de estufa no Canadá.

Menos conhecidos são os impactos ao nível das comunidades locais que vivem perto das zonas de desenvolvimento das Areias Petrolíferas, que há apenas uma geração eram formadas por florestas e água. Embora grande parte destes terrenos tenham sido arrendados a empresas petrolíferas, encontram-se dentro das fronteiras tradicionais de muitas comunidades locais, que têm vindo a sofrer impactos desproporcionais, nomeadamente ao nível de saúde. Por outro lado, a indústria das areias petrolíferas constitui uma considerável fonte de emprego, gerando também conflito entre a população local.

Assim sendo, o desenvolvimento das Areias Petrolíferas alterou, não só, a terra e as fontes de água de forma irreversível, mas tem contribuído também para a ruptura da economia, cultura e modo de vida destas comunidades locais, que agora se veem desafiadas pelos impactos globais das alterações climáticas.

Fotografia e Legendas: Ben Powless

Produção conjunta de Conversas com o Planeta Terra, www.conversationsearth.org, e a Rede Ambiental Indígena, www.ienearth.org

Canadá





Canadá

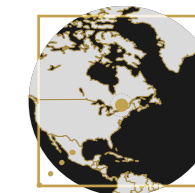


Destruição, vista aérea | Fort McMurray, Alberta, Canadá

Cerca de 140 000 quilômetros quadrados – uma área superior à de Inglaterra – cobrem o segundo maior depósito de petróleo do mundo, de 175 mil milhões de barris. Cada ano, mais de 340 mil milhões de litros de água são retirados do rio Athabasca, produzindo dois barris de desperdícios tóxicos por cada barril de petróleo. Atualmente, podemos encontrar lagos de desperdícios tóxicos com cerca de 128 quilômetros quadrados, e existem evidências que estas substâncias estão a derramar para o rio Athabasca, contaminando peixes e outros animais, que são fundamentais para o sustento das comunidades locais.



Canadá



Mike Orr (Cree) | Fort McKay, Alberta, Canadá

Mike Orr, um conselheiro da comunidade de Fort McKay, descobriu este lago cheio de químicos tóxicos na região tradicional de caça da sua comunidade. E como o lago não foi estancado, cobre agora o que eram antes turfeiras e floresta. Vestígios de animais mostram que alces, veados, coelhos e raposas foram expostos a estas substâncias. E muitos caçadores desenvolveram erupções na pele depois de expostos aos riachos nas áreas vizinhas.

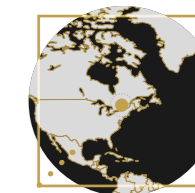
Mike adverte, "A terra, o ar, a água estão a ser poluídos. A indústria avança demasiado depressa, as coisas têm que acalmar."



Henry Gladue (Cree, Beaver Lake First Nation) | Alberta, Canadá



Uma Caminhada para a Cura | Fort McMurray, Alberta, Canadá



Rose Deranger Desjarlais (Dene, Fort Chipewyan First Nation) | Alberta, Canadá

Rose Deranger Desjarlais é uma sobrevivente de cancro, natural da comunidade de Fort Chipewyan. Foi diagnosticada com dois tipos de cancro, depois de trabalhar na indústria das areias petrolíferas, que acredita ser a causa da sua doença. Muitas pessoas abandonaram as suas comunidades por medo da exposição a químicos desconhecidos.

“Não há aqui nada para os meus netos. Não posso trazê-los de volta – para caçar ou pescar, para quê? Seria trazê-los a um lugar que os iria matar aos poucos, respirando esta poluição. Não lhes posso fazer isso”, diz Rose.



Canadá



Raymond Ladoucer (Metis) | Fort Chipewyan, Alberta, Canadá

As comunidades locais sempre dependeram de peixe e da vida selvagem local para o seu sustento básico, especialmente numa comunidade como Fort Chipewyan, que é apenas acessível por avião. Raymond Ladoucer, um pescador tradicional de Metis, começou a reparar há alguns anos, juntamente com outros pescadores, que os peixes estavam corcundas, tinham olhos protuberantes, caras retorcidas e manchas por todo o corpo. Estão preocupados com o futuro, não apenas do seu modo de vida, mas também da sua cultura. "Prevejo que daqui a dez anos, o lago irá ser fechado devido às descargas provenientes do rio Athabasca", adverte Raymond.



Maré Rainha

Os arqueólogos dizem que a Ilha de Manus, localizada na costa norte de Papua Nova Guiné, mesmo a norte da Austrália, é habitada há mais de 25 000 anos, sendo uma ilha com uma diversidade biológica imensa e tradições culturais ricas.

No passado, o povo de Manus, costumava observar o céu para decidir quando poderiam pescar ou viajar em segurança. Contudo, ao longo da última década, o nível das marés tem vindo a subir, e tal como afirmam cientistas e moradores das ilhas, as alterações climáticas são cada vez mais evidentes – ventos caóticos e fora de época, chuvas imprevisíveis e tempestades mais intensas. “Não conseguimos chegar às áreas de pesca em segurança”, diz o habitante John Semio (Manus). “A vida hoje em dia é muito mais difícil.”

E nada, ao longo da história do povo de Manus, os preparou para a fúria sem precedentes da tempestade ocorrida em 2008, a que chamaram de Maré Rainha.

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: Laird Townsend

www.conversationearth.org

Papua Nova Guiné





Papua Nova Guiné



Posakei Pongap | Aldeias Lawes, Ilha de Manus, Papua Nova Guiné

“Nesta pequenina ilha, o nosso meio de sobrevivência depende do mar. Alimentamo-nos do mar. Pescamos e vendemos o que existe no mar. Agora, por causa das alterações climáticas, a nossa comunidade enfrenta um problema: o mar tem mudado, mas não como estávamos habituados”. Há trinta anos atrás, havia neste local uma mata de palmeiras-sago, que servia de casa a uma população abundante de gambás. A invasão de água salgada envenenou as raízes das palmeiras, e agora a maré baixa revela uma paisagem estéril, semelhante a um cemitério. “Este lugar era lindo, mas deixou de o ser”, afirma Posakei Pongap, ancião da comunidade.



Rosa Solomon (Manus) e filhos | Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné



/ 44

Papua Nova Guiné



Mary Nating | Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné

„Na província de Manus, dezembro é uma época de tempestades. Mas nunca nada se assemelhou à tempestade de 2008. Durante quatro dias, a Maré Rainha dizimou habitats de peixes, tartarugas e crocodilos, e gravou um trauma na comunidade. “Foi a primeira vez que a minha velha mãe presenciou algo assim. Mães e bebês a correrem por todos os lados, chorando, como eu. Não conseguíamos dormir durante a noite, sabendo que se a tempestade continuasse, poderíamos perder as nossas vidas.”



Amos Tapo | Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné



John Pondrein | Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné



Papua Nova Guiné



A juventude de Manus, Ilha de Ahus | Papua Nova Guiné

Movidos pelo trauma da grande tempestade e da conseqüente incerteza, os dirigentes da Ilha de Ahus negociam uma realocação geral para a ilha principal. Este plano foi desencadeado inicialmente pela subida do nível do mar, mas ganhou um apoio reforçado após a tempestade Maré Rainha, especialmente entre os jovens.

A ideia de realocação é dolorosa para muitos. John Pondros (Manus) afirma com simplicidade, "Eu não vou. A minha casa é aqui, e foi também a do meu bisavô. Vou mudar os meus filhos. Talvez os meus netos me venham visitar. Mas por mim, eu vou morrer aqui na ilha."



Papua Nova Guiné



Ilha de Pitilu | Papua Nova Guiné

Apesar dos vários desafios que têm enfrentado, o povo da Província de Manus, Papua Nova Guiné, continua a viver do mar. Usam as canoas que eles mesmos fabricam, tecem redes e cestas complexas e utilizam métodos de caça com armadilhas que continuam em constante evolução. Comem e comercializam frutos do mar. E pelo facto de viverem em harmonia com os ritmos do Pacífico Sul, estão mais vulneráveis às alterações climáticas. Mas o que está a acontecer com o povo da Província de Manus é um prenúncio do que irá acontecer pelo mundo inteiro, inclusive no mundo industrial.



Kumik, Zanskar | Índia

Saindo de casa

Elevando-se acima do Vale de Zanskar, os picos do Alto dos Himalaias captam a parcela norte das nuvens de monção subcontinentais, recebendo neve que reabastece os glaciares e as grandes extensões de neve. Estes recursos congelados libertam água sazonalmente ao longo do vale, irrigando os campos de subsistência das comunidades agrícolas, como os Kumik, com uma população de 200 habitantes.

Mas o degelo do glaciar dos Himalaias, mesmo acima da aldeia de Zanskar, levou os pragmáticos agricultores e pastores a abandonar a sua aldeia milenar, localizada ao lado de uma corrente de água agora seca.

Na ausência de uma redução drástica nas emissões de gases de efeito de estufa, esta situação poderá ser o prenúncio do destino de milhões de pessoas que dependem de água proveniente de montanhas altas, desde o Paquistão à Califórnia.

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: Laird Townsend

www.conversationsearth.org

Himalaias





Himalaias



Cadeia de montanhas Zaskar | Índia

Durante o último século, a temperatura média na região noroeste dos Himalaias aumentou duas vezes mais do que o aumento global. Este aquecimento levou, nas últimas décadas, à redução dos glaciares, quedas de neve irregulares, mais precipitação sob a forma de chuva e degelo prematuro na primavera. “Quando era criança, não havia problemas com a água”, diz Ishay Paldan, habitante local. “O glaciar era muito maior. Nevava muito mais.” Atualmente, em Kumik, a corrente de água local seca frequentemente antes do final do verão, o momento crítico para a colheita. “Sem água não há vida”, diz Tsering Motup, professor em Kumik.



Kumik, Zanskar | Índia

A procura de água é um dos ritmos diários fundamentais na aldeia de Zanskari. Familiares de todas as idades, homens e mulheres, ajudam a procurar água durante todo o ano e a regar os campos no verão. Ao longo dos séculos, o povo de Kumik (“Kumikpas”) criou instituições informais para gerir e distribuir a água de forma justa por toda a aldeia. Cada família tem um período determinado para irrigar os seus campos.

As regras tradicionais não estão escritas, mas a cooperação está bem coreografada: todos conhecem bem o seu tempo e a sua parte.



Ishay Paldan | Kumik, Zanskar, Índia



Família de Tsewang Rigzin | Kumik, Zanskar, Índia



Sra. Stobdan, esposa de Phuntsog | Kumik, Zanskar, Índia

Confrontados com as pressões da seca, os Kumikpas discutiram intensamente se deveriam realocar a aldeia inteira para outro lugar. O diretor da escola primária da aldeia, Phuntsog Stobdan, reparou que muitos dos jovens ficaram entusiasmados com a ideia de ir para mais perto do desenvolvimento moderno da cidade principal do vale. Mas os outros habitantes estavam relutantes. "Os idosos consideram que Kumik é a aldeia perfeita.", diz Tsewang Rigzin, funcionário agrícola de Kumik, "Está perto das montanhas, existe pasto para os animais e muita lenha." Mas no final, a comunidade chegou a uma conclusão: recomeçar nas planícies abaixo, próximas do Rio Zanskar.



Himalaias



Kumik de Baixo, Zaskar | Índia

Durante os próximos anos, os residentes de Kumik irão abandonar os campos férteis e cuidadosamente cultivados dos socacos seculares, pela incerteza de um planalto rochoso, que embora também abastecido por glaciares em diminuição, receberá água do rio Zaskar de forma mais consistente. As práticas e funções desenvolvidas ao longo de um milénio nas casas e campos da antiga aldeia, terão agora que ser recriadas ou reinventadas em apenas uma década, neste novo território. Os Kumipkas mais velhos receiam que as tradições antigas de partilha de água da aldeia possam não sobreviver nas mãos das novas gerações.



O Preço do Carbono

Identificado como um “hotspot de biodiversidade” pela Organização das Nações Unidas (ONU), a Mata Atlântica no Brasil possui uma diversidade de plantas e animais comparável à das florestas amazônicas. Mas após séculos de desenvolvimento, apenas 7% da floresta original permanece.

Com o objetivo de preservar mais de 20 000 hectares da Mata Atlântica, várias empresas americanas – com pegadas de carbono expressivas – juntaram-se, numa estratégia baseada em créditos de carbono. Esta estratégia tem gerado controvérsia, principalmente entre as comunidades locais da floresta de Guaraqueçaba, onde vivem cerca de 10 000 pessoas, que ao longo de gerações têm dependido da floresta para sua subsistência.

Durante os últimos dois séculos, as políticas brasileiras têm provocado invasões constantes no território Guarani, e embora as comunidades locais nunca tenham obtido título formal de propriedade destas terras, podem ser encontrados neste território, pelo menos, 60 sítios sagrados.

Também estas novas políticas impõem restrições sobre as práticas de sobrevivência destas comunidades, desencadeando zonas de pobreza regional: muitas pessoas cujas famílias viveram na floresta durante gerações são agora forçadas a deslocar-se para a cidade de Antonina ou para a capital estatal de Curitiba.

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: Laird Townsend

www.conversationsearth.org



Brasil





Leonardo da Silva „Werá Tupã” | Casa de oração na ilha Cutinga, Brasil

“Quando a terra é gerida por ambientalistas, a intenção é preservar a terra, no entanto acabam por limitar os habitantes locais de muitas coisas. Os Guarani têm regras que fazem parte da sua cultura. Existe uma época para pesca, outra para caça – assim, tudo está sob controlo. E até agora, estas atividades não provocaram a extinção de nenhuma espécie animal.”, diz o dirigente regional Leonardo Werá Tupã. “A legislação imposta aqui no Brasil, por si só, já é complicada. Por isso, quando as empresas estrangeiras investem nesta área e compram terra, acabamos por ficar ainda com mais restrições.”



Brasil



Ilha de Quara-Quara | Brasil

A General Motors, a Chevron, e a American Electric Power doaram 18 milhões de dólares à Nature Conservancy para transformar o carbono incorporado nas árvores de Guaraqueçaba em créditos de compensação. A Nature Conservancy doou depois o dinheiro à organização brasileira Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental, para comprar a terra e gerir a reserva. As empresas não são proprietárias das terras, nem das árvores, mas detêm o direito de comercializar o carbono das árvores, que podem depois usar para compensar as suas emissões poluentes, ou vender a outras empresas que procurem este tipo de compensação.



Jonas da Silva | Área rural de Antonina, Brasil



Sino improvisado | Área rural de Antonina, Brasil



Brasil



Palmeira “Palmito” | perto de Antonina, Brasil

A palmeira juçara, fonte do delicioso palmito, encontra-se em vias de extinção, desencadeando uma situação complicada em Guaraqueçaba. Centenas destas palmeiras foram cortadas ilegalmente por contrabandistas, no entanto o Batalhão de Polícia Ambiental – Força Verde tem prendido, geralmente, os residentes locais, que ao longo de gerações têm dependido da floresta para a sua subsistência. Um palmito pode alimentar uma família de cinco pessoas. “A Força Verde não nos quer aqui. Mas nós fazemos parte do ecossistema. Toda esta riqueza foi preservada porque este povo estava cá.”, diz Jorge Gonzales Wochnicki, habitante local.



Karáí Djeguaká Werá | Guaraqueçaba, Cerco Grande, Brasil

O opyguá (pajé) Guarani da Ilha de Cerco Grande, Karáí Djeguaká Werá, está convencido que os guardiões tradicionais da terra sabem melhor como proteger a floresta. “K’aguy ma ouú arandú nhande wy mbya kuery pe”, diz o opyguá, que significa, “toda a sabedoria indígena vem da floresta.” Quando aqui foi estabelecida uma reserva de compensação de carbono”, recorda Werá, “ninguém nos veio consultar.” “Os indígenas são os verdadeiros ambientalistas. Os lugares com mais selva, e mais bem preservados, encontram-se em territórios indígenas. Para nós, Guarani, a natureza está viva e tem que ser respeitada.”, lembra Leonardo Werá Tupã, dirigente regional.



Lagos Abaya e Chamo | Terras Altas de Gamo, Etiópia

Agricultores sem fronteiras

As Terras Altas de Gamo fazem parte da região de língua omótica do sul da Etiópia, um centro antigo de ocupação humana nas escarpas ocidentais do Vale do Rift. Hoje, existem mais de cinquenta comunidades interdependentes que vivem nas escarpas, ao longo dos lagos Abaya e Chamo.

Esta história foca-se na comunidade indígena Gamo, habitantes da aldeia de Doko, e na relação de colaboração com os Quéchuas, dos Andes Peruanos.

Os Gamo, das Terras Altas da Etiópia, e os Quéchuas, dos Andes Peruanos, duas comunidades indígenas, oriundas de dois locais opostos no Atlântico, estão ligadas por um objetivo comum: salvar os seus alimentos básicos – o ensete na Etiópia e a batata no Perú – das consequências das alterações climáticas, como as temperaturas elevadas e os ciclos de chuva inesperados.

Os alimentos podem ser diferentes, mas a lição é a mesma: é fundamental preservar a agricultura indígena e assegurar a agro-biodiversidade.

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: Laird Townsend

www.conversationearth.org

Etiópia





Etiópia



Mulher da Aldeia de Doko num Campo de Árvores de Enset | Terras Altas de Gamo, Etiópia

Os habitantes locais contam que as comunidades das Terras Altas de Gamo nunca passaram fome. Embora não exista evidência que possa validar estas afirmações, as secas regionais são geralmente menos severas no Gamo do que nas áreas vizinhas, mais baixas e quentes. Quase todos concordam que a diferença é uma planta resistente à seca conhecida como "outsa" na língua Gamo, ou "enset" em amárico, língua nacional da Etiópia, que tem sido um elemento central na cultura Gamo desde a antiguidade. Dos 13,5 milhões de habitantes rurais na região, quase todos dependem do enset para o seu sustento.



Etiópia



Halimbe Soazo (à direita) | Comunidade de Doko, Terras Altas de Gamo, Etiópia

Conhecido como “banana falsa” devido à semelhança com a bananeira, o enset é um alimento muito versátil. Depois do parto, as mães comem a gelatina nutritiva de enset chamada de itema. Depois de uma morte, a raiz fresca, cortada e fervida, é servida às pessoas em luto. E entre o nascimento e a morte, a vida diária depende do pão, pastéis e outras comidas confeccionadas a partir da raiz e dos talos de enset. Porém, o enset não se resume à comida. “É utilizado para tudo: cercas, cortinas, almofadas, sacos, fios, cordas, alimentação para os animais. Não podemos imaginar as nossas vidas sem o enset.”, diz Halimbe Soazo, habitante da aldeia de Doko.



Shagre Shano Shale, líder da comunidade | Aldeia de Doko, Terras Altas de Gamo, Etiópia



Mulher a processar plantas de enset | Aldeia de Doko, Terras Altas de Gamo, Etiópia



Etiópia



Agricultor de enset da Aldeia de Doko | Terras Altas de Gamo, Etiópia

“Nos velhos tempos, não chovia durante a época seca, apenas durante a época de chuva”, afirmam os habitantes da aldeia de Doko. Nos últimos anos, uma perturbação inédita nos ritmos de chuva, levou ao atrofio das plantas locais e perturbou o gado, resultando numa menor quantidade de adubo para fertilizar os campos de enset. Ao mesmo tempo, as temperaturas regionais aumentaram, espalhando uma doença que afecta as plantações de enset a elevações mais baixas. Estas experiências são partilhadas pelos contemporâneos do povo Quéchuas no Perú, que trabalham para salvar os campos de batata dos efeitos das alterações climáticas.



Etiópia



Shagre Shano Shale, líder da comunidade | Aldeia de Doko, Terras Altas de Gamo, Etiópia

Em setembro de 2009, o ancião da aldeia de Doko, Shagre Shano Shale, viajou até ao Peru, com um grupo de cientistas etíopes, para conhecer o “Parque da Batata”, um projeto de conservação de agricultura indígena nos Andes peruanos, onde se retomaram algumas práticas tradicionais, e desenvolveram micro-empresas que identificam, armazenam e propagam muitas variedades de batatas. O objetivo era observar como é que seis comunidades indígenas Quéchua se tinham unido para preservar o seu alimento sagrado. Depois desse intercâmbio cultural, Shagre voltou com um plano de agro-biodiversidade para a sua comunidade Gamo, na aldeia de Doko.

